

O VALOR SOCIAL DA LEITURA: ANALISANDO PRÁTICAS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jercimara Jersica Moura Lopes - Autora - GEPPE/CAMEAM/UERN)
Kaiza Maria Alencar de Oliveira - Co-autor - DE/GEPPE/CAMEAM/UERN)

Resumo

O trabalho que segue é um recorte da pesquisa: “Análise das práticas de leitura na educação infantil e suas contribuições para a (não) formação do leitor” (LOPES, 2012), cujo foi produzido como Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, *Campus* Avançado Prof^a Maria Elisa de Albuquerque Maia – CAMEAM; que tem como objetivo analisar o valor social da leitura para a formação do sujeito. Esse recorte objetiva levantar uma discussão acerca do valor atribuído à leitura na sociedade, a importância da formação da leitura e ainda qual o objetivo de ouvir e contar histórias para crianças não letradas. Entre os referenciais teóricos estudados estão Silva (2010), Micheletti (2006), Solé (1998), que vem discutir as práticas de leitura numa perspectiva de formação leitora. À luz desses referenciais, foram levantadas discussões e a partir da análise do banco de dados da referente pesquisa foi possível trazer à tona a discussão acerca de práticas voltadas para as leituras realizadas em sala e suas contribuições para a formação do leitor. A pesquisa foi realizada por meio de aplicação de questionários com professores de Educação Infantil que atendesse a crianças na faixa etária entre 3 e 6 anos. Diante disso, foi possível concluir que apesar de se valorizar a prática leitora, muito se tem a caminhar até que a leitura em salas de Educação Infantil sejam realizadas com foco na formação da leitora da criança.

Palavras-chave: Práticas leitoras. Contação de história. Valor Social da leitura.

Introdução

O trabalho que segue apresenta recortes de uma pesquisa maior intitulada: “Análise das práticas de leitura na Educação Infantil e suas contribuições para a (não) formação do leitor”, essa pesquisa tem como objetivo central compreender de que forma são realizadas as práticas de leitura em salas de Educação Infantil e ainda se contribuem para a formação de leitores profícuos.

A mesma foi realizada por meio da aplicação de questionários com professores que atuam com faixa etária entre 3 e 6 anos, em diferentes escolas do município de Pau dos Ferros/RN. Esse questionário buscou responder questões com foco em diferentes variáveis, desde a escolha dos textos até a realização das leituras.

Temos como foco para esse trabalho as questões que estão no âmbito do valor da leitura para esses docentes, a fim de compreender o que permeia uma prática leitora voltada para a formação de leitores para a vida.

O valor social da leitura

A leitura é um tema amplamente discutido nos mais diversos âmbitos sociais. Isso se deve ao caráter que o ato de ler assumiu diante da sociedade, essa por sua vez permeada pela leitura e pela necessidade de estar informado acerca das decorrentes mudanças e avanços que ocorrem no cotidiano. Saber ler tornou-se uma exigência que favorece o convívio social por facilitar a permanência dos indivíduos num contexto de globalização e ampliar a compreensão do mundo em que vivemos, fator necessário devido a constância da transformação pela qual perpassa o mundo contemporâneo.

Os signos, os códigos, as mensagens transmitidas estão nas ruas, em nossas casas, nas instituições que frequentamos, estão por todos os lugares à nossa volta, o que dá a leitura um caráter social elevado como meio da transmissão dos antigos e novos valores que estão se estabelecendo.

Assim, pode-se dizer que a leitura vem separar os indivíduos em dois grupos, os analfabetos e os alfabetizados, nos quais, os sujeitos que compõem o

segundo grupo estão aptos as melhores oportunidades e condições sociais, enquanto que os do primeiro acabam sendo marginalizados por serem considerados incapazes de assumir inúmeras funções.

Partindo dessa premissa a leitura caracteriza-se como um ato indispensável a todo e qualquer indivíduo, pois, a apropriação da mesma dará aos sujeitos maiores chances de interação com o meio social. A esse respeito Silva (2010, p. 169) infere que:

O domínio da leitura é um divisor de águas na vida da pessoa. Ao passar da condição de analfabeta para alfabetizada, a pessoa tem demarcada a diferença da sua atuação e interação com o mundo de forma intensa e extensa.

Assim, evidencia-se que a leitura tornou-se primordial para o desenvolvimento social do sujeito que necessita acompanhar os avanços tecnológicos e socioeconômicos, em que é fundamental o uso e a compreensão dos signos.

A leitura, também está atrelada ao saber, o que vem possibilitar o desenvolvimento não apenas intelectual, mas sobretudo, o social e cultural do indivíduo. Nesse sentido, Maia (2007, p. 29) entende que

[...] a leitura é uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas também, ao projeto existencial, e que, além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político.

Uma nova implicação deriva do conceito que temos sobre a leitura e que, por inúmeras vezes, ficamos a nos perguntar “o que é leitura?” Trata-se do simples fato de decodificar palavras? Para Villardi (1999, p.4)

[...] ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania.

Para que a leitura seja percebida conforme mencionado acima é pertinente situar que o ato de ler vai além da leitura do que está escrito, ou seja, a decodificação da palavra, pois o sujeito pode ler imagens, gestos e situações. O leitor, ainda, é capaz de ler nas entrelinhas e encontrar a intenção do autor, se reconhecendo na escrita do mesmo e apreendendo a realidade posta no texto à sua própria.

No tocante à leitura escrita nos deparamos com a crença de que ler é o simples ato de decodificar o que está escrito, é a união dos signos com um som. No entanto, sabemos que é preciso atribuir sentido a decodificação feita. Não se trata apenas de unir o som ao grafema, mas de um processo de reflexão x ação x reflexão, ou seja, o leitor pensa sobre o conteúdo que será lido, através da inferência, fará uma reflexão prévia sobre o que, possivelmente, o texto irá tratar, em seguida ocorre a ação, a decodificação em si, seguida de atribuição de sentido que vai necessitar das experiências vivenciadas pelo mesmo, é a reflexão novamente, mas com base em sua visão de mundo. Assim, concorda-se com Micheletti (2006, p. 16) ao dizer que “[...] ler um texto põe em ação todo o conhecimento de mundo (aqui entendido como o conjunto de todas as experiências que se possui).”

A partir da compreensão de que a leitura ultrapassa os limites da decodificação e de que está mais relacionada com o sentido atribuído ao que foi lido, podemos dizer que a leitura de mundo do indivíduo é primordial para o desenvolvimento do seu processo leitor, pois “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, conforme afirmado por Freire (2009, p. 11). Nesse sentido percebemos que quanto mais cedo for inserido o processo de leitura na vida do sujeito, maior será sua capacidade de compreender significativamente o contexto ao qual está inserido, ampliar as suas experiências e, conseqüentemente, formular com autonomia sua visão de mundo.

Micheletti (2006, p. 17) nos diz que “a leitura é um ato solitário, depende da vontade de um *eu* e de sua capacidade de posicionar-se diante do discurso do outro”, ou seja, o valor atribuído ao que foi lido independe de outros, mas está diretamente ligado as experiências vivenciadas pelo leitor, é a partir delas que ele vai se posicionar diante do discurso do autor e construir seus próprios valores diante do tema abordado.

O pressuposto apresentado confirma a postura de Solé (1998) sobre o fato de que só há leitura se houver uma inter-relação entre o leitor e o texto.

Essas afirmações desencadeiam inúmeras conseqüências, entre elas o fato de que o ato de ler necessita da presença de um leitor que examine o texto lido, como

também, a compreensão do que foi lido varia de acordo com o leitor. Muitas vezes, o discurso do autor é levado a interpretações que diferem da intenção do que foi escrito, comprovando assim que a leitura possibilita a liberdade de apreender cada um à sua maneira. O leitor dialoga com o texto de acordo com suas vivências e é a partir desse diálogo, que ele atribui um sentido significativo ao discurso do autor e relaciona à sua realidade.

Para Silva (2010, p. 36) “leitores são muito informativos acerca do que leem, gostam de falar sobre o assunto”. Concordamos com o pensamento da autora, pois sabemos que a leitura e o saber caminham em uma única via e permitem que o leitor adquira um novo conhecimento ou modele o já existente, dando base e esclarecendo o que antes era lacuna.

Nesse sentido, percebemos que o ato de ler adquiriu uma grande função social que se distancia da vertente de transmissora de saberes. A leitura está ligada a vida do indivíduo como um todo e é de fundamental importância para o seu desenvolvimento e permanência no contexto em que vive. Atualmente, é considerada de grande valor social e indispensável à formação de um sujeito crítico e participativo na sociedade.

Daí a urgência de redefinir pensamentos arcaicos acerca da importância da leitura no nosso cotidiano e assumirmos uma perspectiva interativa de leitura que pressuponha estratégias de uso que atendam as necessidades de cada um e ao mesmo tempo, as da coletividade. Para tanto, estaremos apresentando a importância da leitura e da contação de histórias como contributos ao desenvolvimento da prática leitora eficiente.

A importância de ouvir e contar histórias

O primeiro contato da criança com o texto é feito oralmente, por meio da escuta das histórias que lhes são contadas. Nessa situação a criança vivencia sentimentos que estão expostos nos mesmos, reconhece situações semelhantes vivenciadas em sua história, passam a conhecer o mundo a partir do que está presente nos textos, além, de suscitar a imaginação, proporcionando um desenvolvimento cognitivo amplo.

Gomes (2003, p. 9) defende que “[...] ouvir histórias também permite ordenar ideias, acionar o movimento misterioso que vai do caos ao cosmo, evocar

lembranças e soltar pensamentos”. Isso é o mesmo que viajar por lugares desconhecidos através do imaginário que no período da infância é fértil e que, durante o crescimento, precisa ser estimulado a manter-se em desenvolvimento contínuo.

A criança deve iniciar seu contato com a leitura desde pequena, antes mesmo de ser alfabetizada, pois é a partir daí que despertará um interesse maior pelos livros. Crianças cujos pais contam histórias desde cedo e que presenciam situações de leitura no contexto familiar, apresentam mais facilidade na constituição do gosto pela leitura, e conseqüentemente, interpretam melhor os detalhes presentes no texto, pois desde cedo construiu um vínculo com a leitura.

Ouvir histórias desenvolve uma série de habilidades. Estimula a criança a expressar de diferentes maneiras o que essa leitura despertou nela; seja através de música, do desenho, da pintura, da fala, do movimento, da brincadeira, do escrever, do sentir e reagir, até mesmo no querer ouvir muitas outras vezes a mesma história.

Nesse sentido, podemos afirmar que ao contarmos histórias para as crianças, alfabetizadas ou não, estamos possibilitando seu desenvolvimento cognitivo, sua formação crítica e ampliação da visão de mundo, podendo vivenciar situações distantes por meio da sua imaginação, o que a levará a apreender as lições e saber lidar com experiências semelhantes, construindo suas próprias ações baseadas no que foi contado.

Não é apenas o ouvinte que se beneficia no momento da contação de histórias. O contador, por meio da narração do texto também amplia seu repertório de leitura, sua vivência de mundo e reflete acerca de suas próprias experiências que vai de encontro com o texto lido. Assim, concorda-se com Gomes (2003, p. 9) quando ele diz que “Contar histórias significa ampliar horizontes de leitura e marcar um encontro com a própria imaginação, uma vez que tal atividade permite revelar o conhecimento de si mesmo”.

Para maior compreensão das discussões aqui levantadas, temos como referência a concepção de leitor defendida por Gomes (2003, p. 11) em que “entendemos por leitor o indivíduo que desenvolve com regularidade e competência suas práticas de leitura”, ou seja, o indivíduo que ler regularmente e sabe refletir e interpretar acerca do que foi lido.

Contar histórias, não é uma atividade direcionada apenas aos não alfabetizados. Pessoas que sabem ler gostam de ouvir histórias, pois a cada escuta, revelam-se novos fatos despercebidos durante a leitura, o que gera uma nova interpretação, a uma releitura e a outras tantas iniciativas que geram um interesse

particular pelo texto. Esse fato fica claro em atividades de contação de histórias, onde ao final, percebe-se uma grande procura pelo texto lido.

As atividades de contação de histórias que têm como foco a formação de leitores são desenvolvidas de maneira prazerosa e que busquem motivar o leitor-ouvinte a interessar-se pelo que está sendo contado. Para tanto, é necessário que o contador, seja antes de tudo um leitor experiente que saiba fazer uso de diversas estratégias a fim de manter a conexão do ouvinte com a história. Se o contador não gosta de ler, isso estará explícito durante toda a sua narração.

Gomes (2003, p. 85) elenca uma série de procedimentos que devem ser considerados no momento das atividades de contação, entre elas destacam-se:

- ✓ Modular e entonar a voz corretamente;
- ✓ Ter uma boa dicção;
- ✓ Evitar cacoetes de linguagem;
- ✓ Ter cuidado com as pausas no momento certo;
- ✓ Dispensar as descrições cheias de detalhes;
- ✓ Utilizar ou não recursos visuais;
- ✓ Ter controle sobre a situação;
- ✓ Olhar de igual forma para todos os alunos;
- ✓ Não interromper a contação para dar conselhos ou advertências;
- ✓ Evitar ficar parado o tempo todo;
- ✓ Não declarar que está nervoso ou inseguro;
- ✓ Descartar a negociação da história com situações que suscitarão outros interesses das crianças;
- ✓ Não contar a história quando a maioria das crianças estiver incomodada por algum motivo.

Todos esses procedimentos nortearão a ação do contador, objetivando buscar resultados favoráveis e um interesse maior por parte dos leitores-ouvintes.

Lajolo (1986) defende que a leitura do texto não deve ser utilizado como pretexto para uma série de coisas. O texto deve ser usado de maneira que venha estar

em consonância com o contexto individual de cada aluno e que o professor, enquanto contador saiba recorrer a métodos que busque encontrar o ponto de encontro entre texto e ouvinte.

Segundo Lajolo (1986, p. 53):

Entre as primeiras providências ao alcance do mestre, uma é assumir com os alunos, perante o texto, uma perspectiva que o violente o menos possível. Uma perspectiva que respeite sua natureza específica de texto, qual seja, o constituir ponto de encontro entre autor e leitor. E não é demais dizer que esta transitividade do texto não pode estar excluída da relação professor-texto. Nem por ser professor pode o mestre abandonar ou deformar sua posição de leitor.

Nesse sentido é que se busca compreender a sequência básica no momento de contar histórias. Essa sequência é composta por cinco momentos, quais sejam: i) motivação; ii) introdução; iii) leitura; iv) interpretação; e v) avaliação.

A Motivação é o momento de despertar o interesse do leitor, através de uma atividade lúdica acerca do conteúdo estudado. A Introdução se trata de um momento onde acontecerá a prévia da história, onde serão trabalhados alguns detalhes pertencentes ao contexto da história. A Leitura pode ser realizada da maneira que o contador desejar, seja por meio de uso de instrumentais, adereços; a escolha da estratégia cabe ao contador. A Interpretação é o momento da escuta, o que o leitor-ouvinte compreendeu do que foi lido, quais as relações realizadas, o que foi construído a partir da leitura realizada. É um bom momento para realizar o reconto da história.

A Avaliação da leitura é de fundamental importância para diagnosticar o que de fato ficou da história para a criança, o que foi bom e o que não foi. Avalia-se desde a recepção da criança à atividade de contação até a postura do contador.

Compreendendo a importância de contar e ouvir histórias para todos os envolvidos percebemos que a atividade de contação de história é válida e acima de tudo, prazerosa e produtiva. Para Gomes (2003, p. 95) “A contação de histórias será sempre uma atividade agradável, qualquer que seja o nível de escolarização em que se encontram os alunos, ou a condição de leitor em que se apresente”.

Por meio da contação de histórias poderemos estar contribuindo para o desenvolvimento leitor dos sujeitos e, ainda, para a construção de uma classe social capaz de ampliar o seu acesso como cidadão e confirmar sua permanência no mundo letrado.

Formando leitores para a vida

Ao remeter-se a leitura estamos acostumados a relacionar imediatamente com a realização das funções básicas da alfabetização, que é a junção do som e do grafema. Formar leitores para a vida vai além do ato de decodificar palavras.

Partindo do pressuposto de que a leitura norteia não apenas a vida escolar do indivíduo, como também a sua participação social, justificamos a importância de formar leitores hábeis e conscientes da importância do ato de ler.

Nesse sentido, levanta-se uma questão essencial para a formação de leitores: devemos buscar desenvolver o hábito ou gosto pela leitura?

Compreendemos por hábito, uma ação realizada periodicamente, muitas vezes de maneira mecânica não sendo necessário pensar sobre o ato realizado e ainda assim realizá-lo satisfatoriamente. Ainda, o hábito, não é necessariamente algo prazeroso, que se almeje voltar a fazer, mas sim uma atividade necessária, a qual não se tem motivação para desenvolver.

Muitas instituições de ensino, ao pensar nas práticas de leitura, têm como foco desenvolver o hábito de leitura entre os alunos, pois acreditam que com a periodicidade dessa atividade, os mesmos venham a tornarem-se leitores.

Se considerarmos o hábito como uma questão mecânica, observamos essa prática como uma leitura onde importa primeiramente a decodificação, sem nenhuma atribuição de sentido, pois se é um ato mecânico, o sujeito não necessita pensar sobre a atividade que está desenvolvendo; segundo, temos a leitura como caráter obrigatório, pois, se não necessita pensar acerca do tema que o texto aborda que contribuições o mesmo terá para o sujeito? Se não tem contribuições, qual a relevância? E sem relevância, qual a motivação, qual o prazer encontrado no ato de ler?

A prática de construção do hábito de ler tem sido claramente difundida nas escolas, dando à leitura um caráter obrigatório, sendo realizada com fins definidos, seja cumprir uma atividade exigida pelo professor ou mesmo para alcançar uma nota atribuída àquela leitura.

Em contrapartida, ao realizarmos uma prática pedagógica voltada para a construção do gosto pela leitura, possibilitamos ao estudante a oportunidade de encontrar textos com os quais se identifiquem e que o levem a querer voltar a ler.

Nessa perspectiva, a constituição do gosto pelo ato de ler é uma forma de fazer o aluno refletir acerca do que foi lido, atribuir um sentido e avaliar se a leitura foi prazerosa, fazendo-o buscar textos semelhantes ou enveredar por outros caminhos.

Esse trabalho requer do professor a utilização de diferentes tipos de textos, das mais variadas estratégias de leitura, uma atividade motivadora que instigue o aluno a querer conhecer o que está nas páginas do livro. Essa não é uma tarefa fácil, mas certamente resultará numa leitura prazerosa que levará o aluno a querer ouvir mais histórias, parecidas ou não.

Nesse sentido, é preciso que os professores reavaliem as suas práticas a fim de contemplar a leitura de forma motivacional, que leve o aluno a querer ler determinado texto. E nesse tocante entra a questão do acesso aos materiais de leitura. Quanto mais interação entre aluno e livro ocorrer, maior o interesse do discente na busca por histórias.

É pertinente ressaltar que o ato de descobrir o gosto de leitura desencadeia no gosto de repetir tal tarefa. Daí a importância de se perceber a sala de aula como lócus de promoção da leitura e a urgência de imprimir na prática docente reflexões acerca do desenvolvimento da leitura pelo viés do prazer. Este é o grande desafio aos que pretendem incluir na sociedade sujeitos dotados de hábitos de leitura.

O valor social da leitura mediante as vozes dos sujeitos

A análise do Banco de Dados nos permite compreender que o docente, enquanto maior responsável pela aquisição do gosto da leitura, compreende a importância da mesma para a formação leitora da criança, mas ainda acha difícil encontrar estratégias lúdicas que busquem sair da rotina da sala.

Nesse sentido, o professor defende que seria necessário um aprofundamento maior no tocante as práticas pedagógicas de leitura, pois se sentem sem preparação para trabalhar dentro dessa perspectiva.

Ainda, está claro na fala do professor a necessidade de instrumento pedagógico que venha tornar essas práticas mais prazerosas para os alunos.

Dessa forma, percebemos que falta uma maior discussão acerca da formação leitora nos cursos de graduação, como também, de material para se realizar uma prática dentro dessa perspectiva de formação do gosto pela leitura.

Referências

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 50 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOMES, Adriano. **A voz que vem de longe: o contador de histórias na formação do leitor**. Mossoró, RN: Fundação Vingt-um Rosado, 2003.

LAJOLO, Marisa P. **“O texto não é pretexto”**. In: Regina Zilberman (org.). **Leitura em Crise na Escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MICHELETTI, Guaraciaba. **Leitura e construção do real: o lugar da poesia e da ficção**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2006

SILVA, Edleuza Ferreira da. **Leitura: deleites e angústias. Uma fisiologia simbólica da leitura em jovens e adultos leitores habituais e leitores não-habituais**. São Paulo, s.n. 2010.

VILLARD, Raquel. **Ensinar a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed. 1999.